

CRÍTICAS

GÊMEAS TRAI NELSON RODRIGUES COM HITCHCOCK E SÃO JERÔNIMO É UM BELO E AUSTERO BRESSANE



TRAIÇÃO E REDENÇÃO



Fotos: Divulgação

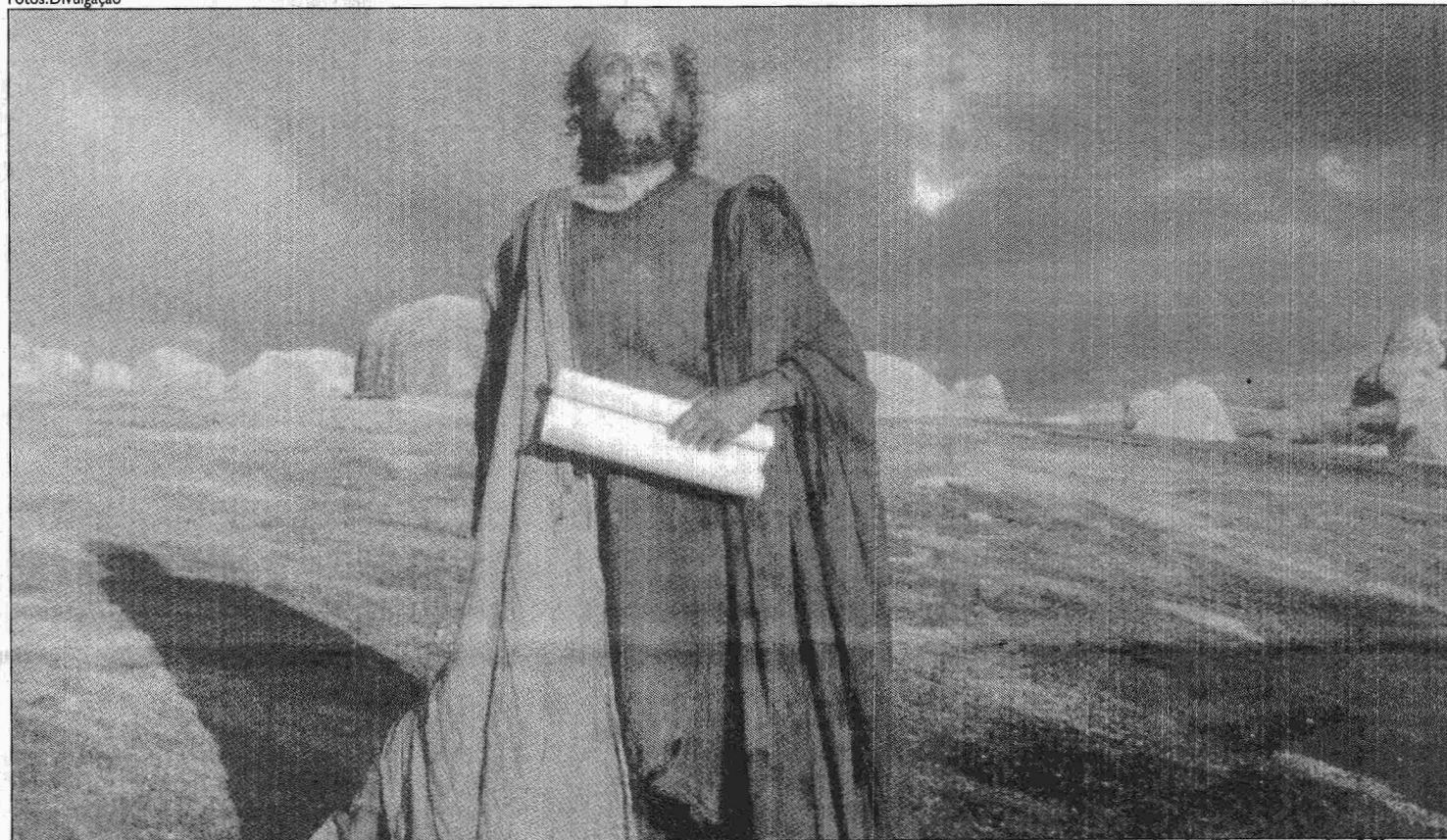
Sérgio Bazi

Da equipe do Correio

Na terceira noite da mostra competitiva, *Gêmeas*, o curta que virou longa (e que acabou ficando fora de *Traição*, também inspirado em contos da série *A Vida Como Ela É*), confirmou para quem já suspeitava: é, antes de mais nada, um filme de Fernanda Torres.

No papel das irmãs que aproveitam incrível semelhança física para enganar os pais e os namorados, a atriz brilha em dose dupla. Pena que, apesar de tentar fidelidade ao texto original, o diretor Andrucha Waddington traia Nelson Rodrigues com o cineasta Alfred Hitchcock. Pecado semelhante cometido por José Henrique Fonseca, que, no último episódio de *Traição*, traiu o autor de *Vestido de Noiva* com Quentin Tarantino.

A idéia de estabelecer um elo entre Rodrigues e Hitchcock era das mais promissoras. Não só pelos sutis pontos de contato entre as duas obras, mas também porque o próprio conto homônimo sugeria um drama de suspense à moda dos anos 40. O filme começa bem, com tocante homenagem a uma das melhores versões cinematográficas da obra rodriguiana: *A Falecida*, de Leon Hirszman, estrelado por Fernanda Montenegro — que, aqui, em rápida aparição no papel de mãe das gêmeas, também se chama Zulmira.



Valorizado pela intensidade de Everaldo Pontes no papel-título, São Jerônimo redime Júlio Bressane da egotrip do filme anterior, *Miramar*

Depois de jogar de forma às vezes insinuante com a cumplicidade do espectador (afinal são duas irmãs que se divertem pregando peças, enganando a todos — menos o público), o filme desanda na meia hora final — a trilha sonora se torna ainda mais excessiva e não somos devidamente conduzidos para o trágico desfecho.

Júlio Bressane não admite

meio-termo: ou se gosta ou se odeia. *São Jerônimo* não foge da regra, mas é o primeiro candidato sério ao grande prêmio.

Como já havia feito em relação a Oswald de Andrade e Lamartine Babo (*Tabu*), padre Antônio Vieira (*Sermões*) e Mário Reis (*Miramar*), Jerônimo é para ele apenas um signo, um arquétipo, e não uma personalidade.

Ao mesmo tempo, trata-se de

obra singular até dentro da filmografia de Bressane. Talvez seja o seu filme mais austero — e é, sem dúvida, o mais belo plasticamente. Com exceção do rápido prólogo, o diretor abandona a fixação com a metalinguagem para mergulhar no objeto de seu cinepoema: Jerônimo. Desta vez é mesmo a linguagem o que interessa ao diretor — não por acaso evocando um monge sábio huma-

nista obcecado com a criação da Bíblia latina.

Valorizado pela intensidade com que Everaldo Pontes se entrega ao papel, *São Jerônimo* redime Bressane da chatíssima egotrip do anterior *Miramar*. Há ainda outro mérito indiscutível: só mesmo Bressane para transformar o sertão paraibano em deserto palestino e o Parque Lage, no Rio de Janeiro, em Vaticano.